

ESTUDOS BAKHTINIANOS SOBRE DIALOGISMO, GÊNEROS, DISCURSO E ENUNCIADO⁴

José Pereira da Silva (UERJ)
jpsilva@filologia.org.br

RESUMO

Os estudos sobre gêneros textuais ou gêneros do discurso, linguística textual, sociolinguística e análise do discurso começaram a se desenvolver mais intensamente a partir da segunda metade do século XX, apesar de já circulares trabalhos bem anteriores nos meios acadêmicos, nas universidades. No Brasil, Mikhail Bakhtin se tornou um dos filósofos da linguagem mais conhecidos e seguidos, a partir da década de 70, principalmente depois da publicação de *Estética da Criação Verbal* e de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Será apresentada aqui uma síntese dos principais trabalhos relativos a dialogismo, gêneros e discurso editados por nós, nas últimas décadas, fazendo uma síntese dos pontos em destaque sobre esses temas, sempre baseados em Mikhail Bakhtin. São trabalhos de Simone Dália de G. Aranha (2003), de Cleide E. F. Pedrosa e de Gisele B. da Silva (2007), de Anderson R. Marins (2009), de Sebastião C. Alves Filho e Sílvia R. da Silva (2010), de Morgana R. dos Santos (2011), de Patrícia Jerônimo Sobrinho (2012), de Marlene E. dos Santos e Aline S. Chaves (2013), de Guilherme B. Manso e Luciano N. Vidon (2014 e 2015) e, de 2015, os trabalhos de Ana C. A. Negrão e Simone C. Mendonça, de Ana M. O. Lima, Valdirene de J. Alves e Verônica M. A. dos Santos, de Daniella R. Reis, de Geraldo J. da Silva, de Giselda M. D. Bandoli e Ingrid da S. Ramos, de Odete dos S. Silva e o de Silvio N. da Silva Júnior e Gabriela U. Fernandes.

Palavras-chave: Bakhtin. Enunciado. Dialogismo. Gêneros. Discurso.

⁴ Uma versão mais ampliada deste trabalho deverá sair em breve como capítulo de um livro que está sendo preparado pela UNEB (Campus X).

1. Considerações iniciais

Enquanto o estruturalismo saussuriano permaneceu na linha de frente dos estudos linguísticos, a análise do discurso e a linguística textual só eram conhecidas por alguns poucos profissionais de ensino superior e pesquisa, especialmente de filosofia, linguística e letras.

Pouco depois, o filósofo russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin se torna leitura quase obrigatória para os novos estudantes e profissionais de letras no Brasil, principalmente depois que os *Parâmetros Curriculares Nacionais* começaram a ser conhecidos e aplicados nas aulas de língua portuguesa e nos estudos literários em todos os níveis.

É nossa intenção relacionar os principais trabalhos publicados pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, em seus periódicos (*Revista Philologus*, *CADERNOS DO CNLF*, *Soletas* e *Linguagem em (Re)vista*), tratando da teoria e da prática das propostas de Mikhail Bakhtin, em diversas situações do ensino, da pesquisa e da produção textual, em diversos gêneros.

Serão relacionados os principais artigos que tratam desses temas, oferecendo uma síntese do tratamento que cada um deles apresenta, ora parafraseando, ora citando a contribuição de seus autores. Mas, como são muito numerosos, alguns vão apenas referenciados, para facilitar a consulta dos interessados.

2. Desenvolvimento do tema

No desenvolvimento dessa proposta, tentamos organizar os tópicos, relacionando os trabalhos comentados de acordo com os seguintes subtópicos: **2.1. Dialogismo** (com o comentário sobre sete trabalhos); **2.2. Gêneros** (em três); **2.3. Gêneros textuais** (em dois) e **2.4. Gêneros do discurso** (em nove trabalhos).

Esta subdivisão não é rigorosa, pois foi difícil organizar separadamente os assuntos tratados nos diversos artigos comentados. Por isto, as referências bibliográficas vão seguidas dos links para os artigos, que estão disponibilizados virtualmente. Também não se pretende comentar mais de trinta artigos publicados, apesar de estarem relacionados, inclusive porque ficaria repetitivo em alguns tópicos.

2.1. Dialogismo

2.1.1.

Marlene Eliane dos Santos e Aline Saddi Chaves (2013), em "A circulação do conceito de gênero do discurso em duas instâncias mediadoras do ensino e aprendizagem da língua portuguesa", ensinam que a "concepção sobre o funcionamento da linguagem com base em gêneros do discurso não pode ser desvinculada da teoria do dialogismo". Por isto, propõem que, para compreender a formulação sobre os gêneros do discurso, como se apresenta em *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2003), é preciso relacioná-la à teoria do dialogismo, que "é, antes de tudo, um princípio da linguagem". (SANTOS & CHAVES, 2013, p. 27)

2.1.2.

Ânderson Rodrigues Marins, em "Dialogismo bakhtiniano em Esaú e Jacó", refere-se a Paulo Bezerra, lembrando que ele, fundamentado nos estudos de Mikhail Bakhtin, esclarece que, em todo texto literário, existe um autor primário ou autor criador, apresentado como figura real, que está fora da estrutura da obra, e que, ao criá-la, cria também a sua imagem, que é um autor secundário. Assim, segundo Mikhail Bakhtin, o autor cria seres independentes, com os quais dialoga:

O nosso ponto de vista não afirma, em hipótese alguma, uma certa passividade do autor, que apenas montaria os pontos de vista alheios. (...) O autor é profundamente ativo, mas o seu ativismo tem um caráter dialógico especial. (...) Esse ativismo que interroga, provoca, responde, concorda, discorda etc. (*Apud* MARINS, 2009, p. 540)

2.1.3.

Cleide Emília Faye Pedrosa (2007), em "Dialogismo, aspecto constitutivo do discurso: uma releitura de Mikhail Bakhtin a partir de autores nacionais", trata das propostas bakhtinianas sobre dialogismo e, conseqüentemente, sobre a polifonia, através da releitura realizada por estudiosos brasileiros, lembrando que as noções de linguagem, interação, dialogismo e ideologia estão entre as categorias centrais na obra de Mikhail Bakhtin, partindo de sua afirmação de que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica e isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2006, p. 125)

2.1.4.

Gisele Batista da Silva (2007), em "Autobiografia e dialogismo: uma abordagem afetiva da linguagem", lembra que Leonor Arfuch faz um percurso partindo de certo interesse pela narrativa vivencial até o estudo do funcionamento dessas narrativas, ancorado no estudo de Mikhail Bakhtin sobre conceitos fundamentais para a compreensão de certa produção histórica de discursos. Ela destaca também que Mikhail Bakhtin se preocupa com as relações estabelecidas entre o homem e a linguagem, num meio social que necessariamente participa desse processo dialógico de conhecimento, acrescentando que

ele recusa certa autossuficiência do "eu", a partir da qual os discursos seriam produzidos em condição adâmica, original.

2.1.5.

Morgana Ribeiro dos Santos (2011), em "O dialogismo e a tradição no forró", discute o conceito de dialogismo de Mikhail Bakhtin, aplicado em letras de música de forró, observando como o diálogo entre os textos contribui para a garantia da tradição no contexto musical do Brasil, confirmando a pertinência do pensamento bakhtiniano para o entendimento dos fenômenos linguísticos e valorizando nossa cultura. Relativamente ao dialogismo, ainda cita Fiorin, quando ensina que "o dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados" (FIORIN, 2008, p. 19) e que é no enunciado que "estão presentes ecos e lembranças de outros enunciados, com que ele conta, que ele refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante". (*Idem, ibidem*, p. 21)

2.1.6.

Para terminar este tópico sobre o dialogismo, vale a pena lembrar o que nos ensina Simone Dália de Gusmão Aranha (2003), em "O dialogismo em gêneros retóricos: o papel ativo do 'outro' no texto publicitário escrito", destacando o aspecto que considera a linguagem mais que um instrumento de comunicação, porque é por ela que se interage com os semelhantes e com o mundo deles, tornando-se a linguagem um processo de interação, no qual o indivíduo se torna sujeito e agente do seu dizer.

Simone Cristina Mendonça ainda destaca a dimensão sócio-histórica da linguagem, em que há um vínculo ideológico e uma articulação dela com a prática social e histórica, através da qual o sujeito reflete no outro o seu comportamento,

atitudes e ideologias, tornando evidente o caráter primordial dos aspectos acima apontados na reflexão da língua. Citando Mikhail Bakhtin, afirma que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (BAKHTIN, 1992, p. 279), utilização efetuada por enunciados que refletem “as condições específicas e as finalidades” da esfera social a que pertencem, desde a situação verbal cotidiana até a tese científica.

Outro ponto marcante focalizado por Mikhail Bakhtin concerne à importância do “papel ativo do 'outro' no processo da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1992, p. 292), porque, para ele, é no diálogo que se percebe nitidamente a alternância dos sujeitos falantes.

2.2. Gêneros

2.2.1.

No início de seu artigo “Algumas contribuições de Mikhail Bakhtin, Schneuwly e Adam para os estudos sobre gêneros”, Alves Filho e Silva (2010) apresentam em um parágrafo, uma bela síntese da história do conceito de gênero a partir da Antiguidade. É o próprio Sílvio Ribeiro da Silva (2008) que comenta, em “Teoria aplicada sobre gêneros do discurso/textuais”, que os gêneros já preocupavam os grandes filósofos gregos da Antiguidade:

Segundo o autor, o surgimento da noção de gênero se dá com o início da oratória, desenvolvida a partir da instauração da democracia na Grécia. Para Fiorin (2006), nesta época, textos já eram agrupados de acordo com suas características em comum. De início, estes eram distribuídos em três categorias bastante sólidas que, depois, se subdividiram. Hoje, a noção de gênero foi ampliada para todo tipo de produção textual e/ou discursiva, seja ela escrita ou oral. (ALVES FILHO & SILVA, 2010, p. 17)

No tópico “A teoria dos gêneros do discurso proposta por Bakhtin”, Sílvio Ribeiro da Silva (2008, p. 18-22) ensina que não se pode falar em gêneros, sem comentar a grande contribuição de Mikhail Bakhtin, porque seus postulados sobre a linguagem estabeleceram um marco na linguística moderna e orientaram a maioria das teorias de enunciação conhecidas, há mais de meio século. Isto porque a especificidade das ciências humanas está no fato de seu objeto ser o texto (ou discurso), e a teoria dos gêneros do discurso leva em consideração o fato de a língua ser um instrumento de interação, de modo que, somente a interação entre dois indivíduos socialmente organizados pode dar origem à enunciação.

Nesse sentido, segundo Francisco Alves Filho e Sílvio Ribeiro Silva (2008), os conceitos apresentados por Mikhail Bakhtin têm, como eixo central, a ideia de que o uso da linguagem acontece no interior das relações sociais mantidas pelos indivíduos (RAMIRES, 2005), porque "todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem" (BAKHTIN, 1979, p. 261). Ou seja, para Mikhail Bakhtin (1979, p. 261), "a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação". Portanto, é o contexto que determina as características do gênero a ser utilizado, porque "cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados". (BAKHTIN, 1979, p. 280)

A esse respeito, Rosângela Hammes Rodrigues (2005, p. 164) comenta que "Os gêneros se constituem e se estabilizam historicamente a partir de novas situações de interação verbal (ou outro material semiótico) da vida social que vão se estabilizando, no interior dessas esferas", porque, segundo Mikhail Bakhtin (1979), o processo de interação cria enunciados que refletem as condições específicas e as finalidades de de-

terminado campo da linguagem por seu tema, estilo e construção composicional.

Para Mikhail Bakhtin (1992, p. 265), todo enunciado é individual e, por isso, pode refletir a individualidade do sujeito, podendo ter estilo individual, apesar de nem todos os gêneros serem igualmente propícios a tal reflexo na linguagem do enunciado.

Por existirem várias esferas de comunicação, é necessário que os indivíduos utilizem a linguagem de diferentes formas para atingirem seus objetivos. Isso leva a uma infinidade de gêneros do discurso que se concretizam nas mais diversas situações de uso, podendo-se concluir que

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque, em cada campo dessa atividade, é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 1979, p. 262)

Segundo Mikhail Bakhtin (1979), portanto, é impossível catalogar a grande quantidade de gêneros primários (ou simples) e de gêneros secundários (ou complexos), lembrando que os gêneros secundários surgem nas condições de interação que se apresentam em situações de um convívio cultural mais complexo, desenvolvido e organizado, visto que, ao preparar enunciados que se enquadram nesta perspectiva, o locutor incorpora a eles formas reelaboradas dos diversos gêneros primários.

2.2.2.

No artigo “A circulação do conceito de gênero do discurso em duas instâncias mediadoras do ensino e aprendizagem da língua portuguesa”, Marlene Eliane dos Santos e Aline Saddi Chaves (2013) trataram “das transmissões dos saberes

elaborados na esfera científica, em particular o conceito de gêneros do discurso, e transpostos para a realidade da sala de aula”, verificando certo distanciamento entre a formulação original de Mikhail Bakhtin e a sua aplicação no ensino, “na medida em que a concepção de língua e linguagem, bem como a de gênero discursivo, apresenta alguns indícios de normatividade”. (SANTOS; CHAVES, 2013, p. 24)

Segundo entenderam da leitura de Mikhail Bakhtin (2002), depois de afirmarem que “o conceito de gênero do discurso corresponde a uma formulação adiantada da teoria do dialogismo”, Marlene Eliane dos Santos e Aline Saddi Chaves demonstraram “que a realidade fundamental da língua e da linguagem não é seu aspecto estável e reiterável, mas sua relação inextinguível entre a língua, os sujeitos e a interação verbal”. (*Idem, ibidem*, 2013, p. 25)

Ao final de seu trabalho, concluíram que

apesar do esforço em se apropriar de uma formulação original e bastante fundamentada sobre o funcionamento linguístico-discursivo dos textos, que se realizam em gêneros discursivos, tanto os PCN quanto o referencial da SEMED⁵ manifestam uma preocupação em sistematizar os gêneros. (SANTOS; CHAVES, 2013, p. 34-35)

2.2.3.

No artigo “A teoria de gêneros bakhtiniana em textos orais de publicidade e propaganda”, Patrícia Jerônimo Sobrinho (2012, p. 1481) resume que “Os gêneros textuais podem ser entendidos como formas de manifestações linguísticas orais e escritas, produzidas pelos sujeitos em diferentes situações sociocomunicativas”.

⁵ Referencial da Secretaria Municipal de Educação do Município de Campo Grande (SEMED, 2008), Mato Grosso do Sul.

Aliás, é ela que nos lembra a metáfora “correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”, usada por Mikhail Bakhtin (2003, p. 268) para definir os gêneros, afirmando que são as necessidades comunicativas que determinam o uso de uns ou de outros gêneros, registrando que “O fato de os gêneros seguirem os parâmetros sociais e históricos das práticas discursivas ocasiona uma infinidade de gêneros, impossibilitando registrá-los quantitativamente”. (JERÔNIMO SOBRINHO, 2012, p. 1481)

2.3. Gêneros textuais

2.3.1.

O artigo “A estrutura composicional nos gêneros textuais a escrever: estudo de caso”, de Sílvio Ribeiro da Silva, Bárbara Battistell Rauber e Lanilda Teles (2006), sintetiza a história dos gêneros textuais desde Aristóteles (2005), destacando a contribuição de Mikhail Bakhtin.

A partir dessa contribuição, o interesse pelos gêneros na comunicação oral e escrita ultrapassou a limitação a que esteve submetida até o seu desenvolvimento pelos formalistas russos, e os gêneros passaram a ser entendidos como tipos relativamente estáveis de enunciados. (Cf. SILVA; RAUBER; TELES, 2006, p. 15)

Dependendo da situação linguística, o falante/ouvinte produz uma estrutura, com formas-padrão relativamente estáveis de enunciados na comunicação, mas que podem ser alteradas, porque, dependendo da situação discursiva, é quem produz o enunciado que lhe atribui sentidos, tornando as formas dos gêneros do discurso tão numerosas e variadas. (Cf. SILVA; RAUBER; TELES, 2006, p. 15-16)

Na conclusão do tópico sobre “O estudo dos gêneros ao longo da história”, ensinam que,

Para Bakhtin, dada a riqueza e a variedade dos gêneros, eles podem ser separados em dois grupos: *gêneros primários* – aqueles que fazem parte da esfera cotidiana da linguagem e que podem ser controlados diretamente na situação discursiva, tais como bilhetes, cartas, diálogos, relato familiar – e *gêneros secundários* – textos, geralmente mediados pela escrita, que fazem parte de um uso mais oficializado da linguagem; dentre eles, o romance, o teatro, o discurso científico, os quais, por esta razão, não possuem o imediatismo do gênero anterior. (SILVA; RAUBER; TELES, 2006, p. 16)

Entretanto, os *gêneros secundários* acabam, de certo modo, suplantando os gêneros primários, considerando-se que estes fazem parte de uma troca verbal espontânea, e que aqueles representam uma intervenção nesta espontaneidade, pois se apresentam de modo mais complexo e, geralmente, escritos. Não é absurdo dizer que os *gêneros primários* são instrumentos de criação dos *gêneros secundários*. Daí, é possível apontar as características dos gêneros do discurso, que são formas-padrão de um enunciado que possuem um *conteúdo temático*, uma *estrutura composicional* e um *estilo*, ou certa configuração de unidades linguísticas. (SILVA; RAUBER; TELES, 2006, p. 16)

2.3.2.

Patricia Jerônimo Sobrinho (2012, p. 1482) lembra que Mikhail Bakhtin elenca os três elementos que eles estão ligados entre si e que definem o gênero, formando o enunciado, que

reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [da atividade humana], não só por seu *conteúdo temático* e por seu *estilo verbal*, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e, sobretudo, por sua *construção composicional*. (BAKHTIN, 2003, p. 279)

Para se entender melhor o gênero textual, é interessante saber um pouco mais sobre cada um desses conteúdos, porque “o estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e de determinadas unidades composicionais”. (BAKHTIN, 2003, p. 266)

O *conteúdo temático* se relaciona ao significado linguístico do que é enunciado, assim como à localização do enunciado no espaço e no tempo. Portanto, não podem ser desconsiderados os fatores sociais, econômicos, históricos e culturais em que foi produzido. O conteúdo temático está ligado ao assunto do texto e à forma como ele ganha sentido, a partir do contexto de sua produção. (Cf. JERÔNIMO SOBRINHO, 2012, p. 1483)

O *estilo* é constituído pela seleção de recursos fraseológicos, lexicais e gramaticais do enunciado, dependendo do destinatário e das relações dialógicas com outros enunciados, porque, como diz Mikhail Bakhtin: “Cada gênero do discurso, em cada campo da comunicação discursiva, tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero”. (BAKHTIN, 2003, p. 301)

Patrícia Jerônimo Sobrinho (2012) lembra que o conhecimento do destinatário determina as escolhas discursivas, motivo pelo qual ele é tão importante na construção do discurso. E é por isto que Mikhail Bakhtin (2003) classifica o elemento *estilo do discurso* em duas categorias:

um, voltado para a individualidade do sujeito, o que o autor chama de estilo individual; outro, para a coletividade, denominado estilo de gênero. No primeiro, valorizam-se a singularidade do locutor e suas escolhas particulares na dinâmica discursiva. Já no segundo, usos linguísticos, textuais e discursivos são reconfigurados em um determinado contexto enunciativo. (JERÔNIMO SOBRINHO, 2012, p. 1483)

O estilo é, portanto, resultante de escolhas individuais e coletivas. O sujeito não é modelado pelo meio, tampouco pela sua soberania – sem qualquer influência do meio onde se localiza. O que ocorre é uma tensão entre estes dois âmbitos: individual e coletivo. E é essa tensão que gera a ação comunicativa. Vale aqui destacar que nem todo texto reflete a individualidade do sujeito e que, dependendo do gênero, a personalidade pode ser revelada em maior ou menor grau. (*Idem, ibidem*, p. 1483-1484)

Por último, tem-se o elemento nomeado de *construção composicional*. Ele é responsável pela organização e pela estruturação do gênero, o modo como as esferas sociais organizam os enunciados. Segundo Bakhtin (2003, p. 282), "todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo". Ou seja, o ato comunicativo se realiza através do formato, da organização linguística, textual e discursiva dos enunciados. São esses recursos que regulam a forma dos gêneros, permitindo que sejam identificados. (*Idem, ibidem*, p. 1484)

É nesse sentido que a construção composicional integra, sustenta e ordena as propriedades do gênero através de elementos linguísticos e discursivos que sustentam "determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro etc." como bem assinala Mikhail Bakhtin (2003, p. 266, *apud* JERÔNIMO SOBRINHO, 2012, p. 1484).

Os três elementos constituintes do gênero – conteúdo temático, estilo e construção composicional – estão indissolivelmente ligados. Portanto, ao estudar gêneros, não se deve deixar de contemplá-los, mesmo que, às vezes, seja difícil percebê-los à primeira vista, por estarem sobrepostos. É a partir desses elementos que os gêneros são conhecidos, compreendidos e produzidos. (JERÔNIMO SOBRINHO, 2012, p. 1484)

2.4. Gêneros do discurso

2.4.1.

No artigo “A condução do estudante para a construção da subjetividade: a perspectiva bakhtiniana dentro e fora do ambiente escolar”, Guilherme Brambila Manso e Luciano Novais Vidon (2014) concebem o discurso “como algo essencial para a interação humana”, entendendo que a comunicação se desenvolve diversificadamente através da interação do enunciadador com seus receptores.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana (...). A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas (...). Cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p. 290, *apud* MANSO & VIDON, 2014, p. 32-33)

Guilherme Brambila Manso e Luciano Novais Vidon (2014) apresentam interessantes reflexões, a partir do seguinte postulado de Mikhail Bakhtin:

Pode-se colocar que a obra de arte é um acontecimento artístico vivo, significante, no acontecimento único da existência, e não uma coisa, um objeto de cognição puramente teórico, carente de um caráter de acontecimento significante e de um peso de valores. A compreensão e a cognição devem operar não sobre o todo verbal previamente necrosado e reduzido à sua atualidade empírica, bruta, mas sobre o acontecimento, em função dos princípios que lhe fundamentam os valores e a vida, dos participantes que o vivem (não é a relação do autor com o material, mas a relação do autor com o herói que é significante e tem caráter de acontecimento). (BAKHTIN, 1997, p. 203-204, *apud*, MANSO & VIDON, 2014, p. 39)

Todo e qualquer discurso é um registro vivo de um ponto de vista a respeito de determinados assuntos. Por isto, pode-se colocar em destaque o fato de que “o primeiro ponto de tratamento à não motivação na produção do discurso é orientar o estudante a reconhecer-se como autor”, (MANSO & VIDON, 2014, p. 39). Para isto, é preciso convencê-lo de que “ele é de fato um sujeito ou que ele pode ser um sujeito de sua enunciação”. (*Idem, ibidem*, p. 40)

Guilherme Brambila Manso e Luciano Novais Vidon (2014) transcrevem o seguinte exercício de Willian Roberto Cereja e Tereza Cochar Magalhães (2003), demonstrando uma

forma bastante positiva de trabalhar com a produção de textos pelos alunos, apesar de ainda a considerarem tímida em relação à proposta de Mikhail Bakhtin:

Com base nos textos lidos, produza um texto dissertativo-argumentativo, no qual você defende seu ponto de vista a respeito da questão formulada inicialmente.

Ao produzir seu texto, leve em conta o grau de informatividade, evitando o senso comum. Utilize argumentos convincentes e bem fundamentados. Ao concluir, troque seu texto com um colega e ouça sugestões dele. Passe o texto a limpo, alterando o que achar conveniente, e exponha-o no mural da classe. (CERES & MAGALHÃES, 2003, *apud* MANSO & VIDON, 2014, p. 41)

A disponibilização do trabalho, seja em leitura pública, em murais, folhetins etc. contribui para o desenvolvimento da argumentação, porque o aluno/sujeito terá o interesse pela recepção positiva de seu discurso. É fundamental, no entanto, que o discurso seja “motivo para os sujeitos agirem responsavelmente dentro de seus ambientes discursivos” (MANSO & VIDON, 2014, p. 42), porque é a partir daí que ele perceberá concretamente “que é de fato um enunciador, já que terá receptores para seu discurso”. (*Idem, ibidem*)

A partir do que Marlene Eliane dos Santos e Aline Sadi Chaves (2013, p. 27) entenderam de Mikhail Bakhtin, “o que importa na língua são os usos que dela fazem os sujeitos; logo, é a comunicação ou interação verbal que constitui o ponto de partida para uma concepção da linguagem”, porque:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p. 261, *apud* SANTOS & CHAVES, 2013, p. 26)

2.4.2.

No artigo "A língua que 'curte' as evoluções tecnológicas do século XX e 'compartilha' mudanças significativas para o mundo linguístico do século XXI", Daniella Rocha Reis (2015, p. 221) ensina que, para refletir sobre as variadas linguagens presentes nas atuais ferramentas de comunicação, é necessário discorrer sobre a noção de gênero e de gênero emergente, lembrando que, para Mikhail Bakhtin, os gêneros são apreendidos no curso de nossas vidas como participantes de determinado grupo social ou membro de alguma comunidade. Aliás, o papel do outro é muito importante, porque, como ensina Mikhail Bakhtin (1979, p. 320), "Os outros [...] não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal".

Mikhail Bakhtin aponta três aspectos que caracterizam os gêneros em geral: o conteúdo ou seleção de temas (esfera social); o estilo ou escolha dos recursos linguísticos (função/necessidade temática); e a construção composicional ou formas de organização textual (intenção do locutor). Ou seja:

Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana), dadas as condições específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, gera um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. (BAKHTIN, 1979, p. 284)

O conceito do "relativamente estável" está ligado ao fato de que os gêneros do discurso sofrem mudanças históricas e geográficas de acordo com o contexto em que são expostos, e se modificam para atender as necessidades dos seus falantes. Um exemplo é a carta, substituída pelo e-mail e outros gêneros emergentes das novas tecnologias.

2.4.3.

Em "A natureza dialógica da linguagem: discursos sobre o índio na literatura brasileira", Giselda Maria Dutra Bandoli e Ingrida da Silva Ramos (2015), preocupadas em abordar alguns conceitos mobilizados por Mikhail Bakhtin, refletem sobre os discursos formadores de identidades do índio em obras representativas da literatura brasileira, tratando do discurso em relação às suas condições de produção.

Elas entendem que, a partir de investigações sobre o funcionamento da linguagem em suas relações sociais, Mikhail Bakhtin (2010) postula que a linguagem tem o dialogismo como o princípio constitutivo do enunciado. Para ele, é o dialogismo que dá sentido ao discurso, porque é no discurso que se manifestam as relações dialógicas. (BANDOLI & RAMOS, 2015, p. 242)

Para Mikhail Bakhtin, portanto, a

orientação dialógica é, naturalmente, um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra no mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isto não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar. (BAKHTIN, *apud* FIORIN, 2006, p. 18)

Pensando assim, todo discurso é atravessado por outros discursos, e este é o princípio constitutivo do enunciado, que é sempre heterogêneo, pois nele se ouvem, pelo menos, duas vozes. Os dizeres são orientados para o já-dito e também provocam respostas posteriores. E Mikhail Bakhtin (2010) assegura esse caráter responsivo dos enunciados: “[...] cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido é respondido nos

discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte”. E mais: “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2010, p. 272, *apud* BANDOLI & RAMOS, 2015, p. 243)

A construção de identidade também ocorre dialogicamente, pois é formada através de discursos. Ou seja, a “identidade nacional é um discurso e, por isso, como qualquer outro discurso, é constituída dialogicamente”. (BAKHTIN, *apud* FIORIN, 2009, p. 3)

2.4.4.

Ana Maria Oliveira Lima, Valdirene de Jesus Alves e Verônica Maria Araújo dos Santos (2015), em "Gramática e ensino de língua: considerações e provocações", lembram que, começando na segunda metade do século XX, aconteceu a virada pragmática, quando,

em vez de se preocupar com estrutura abstrata da língua, com seu sistema subjacente (como a *langue* de Saussure e a competência de Chomsky), muitos linguistas se debruçaram sobre os fenômenos mais diretamente ligados ao uso que os falantes fazem da língua. (WEEDWOOD, 2002, p. 144, *apud* BANDOLI & RAMOS, 2015, p. 995)

Foi nessa virada pragmática que surgiu Mikhail Bakhtin, surpreendendo o mundo com a concepção de que, sendo a língua variável e de natureza social, possibilita a interação e, conseqüentemente, o diálogo. Assim, conclui que a língua é essencialmente dialógica, considerando o signo como intrinsecamente ideológico e que, portanto, a enunciação é carregada de ideologia. Enfim, a linguagem é visualizada por Mikhail Bakhtin como processo de interação em que o sujeito entra em cena, passando a ser “*real*”, inserido em seu contexto histórico, cultural e social.

Mikhail Bakhtin (2014, p. 127) assevera que "a verdadeira substância da linguagem é constituída [...] pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações". (*Apud* BANDOLI & RAMOS, 2015, p. 996)

A linguagem só pode ser pensada dentro das relações humanas (BAKHTIN, 2014), de modo que a língua materna não apresenta mistérios para o falante, mas é entendida na familiaridade da comunidade linguística. Ou seja, apesar de haver tensões, a consciência linguística dos sujeitos se relaciona com a linguagem nas interações verbais. É por isto que determinados contextos de uso da linguagem se sobrepõem a algumas de suas formas normativas. (Cf. BANDOLI & RAMOS, 2015, p. 998)

2.4.5.

Silvio Nunes da Silva Júnior e Gabriela Ulisses Fernandes (2015), em "Linguagem e enunciação: uma abordagem dos gêneros textuais no ensino de língua materna", também se referem ao grande número de gêneros textuais, tais como: carta, romance, bilhete, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, resenha, resumos, textos da internet, poemas etc., que podem ser primários ou secundários e orais ou escritos, considerando como primários os diálogos do dia a dia e como secundários os que constituem os romances, dramas, pesquisas científicas e textos literários de toda espécie, além dos grandes gêneros publicitários. (Cf. SILVA JÚNIOR & FERNANDES, 2015, p. 1243)

A diferença entre os gêneros primário e secundário (ideológicos) é extremamente grande e essencial, e é por isso mesmo que a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio da análise de ambas as modalidades; apenas sob essa condição a definição pode vir a ser adequada à natureza complexa e profunda do enunciado (e abranger as suas facetas mais importantes). (BAKHTIN, 2003, p. 264)

Os gêneros textuais são aparatos essenciais para nossa comunicação, auxiliando-nos significativamente, com estilos próprios que se adéquam e se adaptam ao tipo de leitor e ao ambiente (Cf. SILVA JÚNIOR & FERNANDES, 2015, p. 1244). Ou seja:

Quanto melhor dominamos os gêneros, tanto mais livremente os empregamos, mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário) e refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 285)

2.4.6.

Odete dos Santos Silva (2015), em "Linguagem, ideologia e poder no processo de formação do leitor: os signos linguísticos representados pelos sujeitos históricos das escolas municipais de Vitória da Conquista – BA", verifica como é construída a subjetividade da linguagem no âmbito escolar no século XXI e como se forma a consciência de linguagem e poder ideológico histórico do leitor na escola pública, que expressa a cultura ideológica, social e política no uso e na produção do discurso. A linguagem não se abstém de ideologias que encontram em todas as camadas sociais. Aliás, Mikhail Bakhtin (2006) ensina que não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, porque a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou de uma vivência.

É, pois, o contexto histórico em que o indivíduo está inserido que determina suas construções linguísticas e seus discursos. Assim, é preciso compreender que os fenômenos ideológicos da aquisição da linguagem estão interligados e que os elementos de comunicação social e os signos representam a

materiização dessa comunicação, observando o contexto sociocultural e histórico em que tais sujeitos estão inseridos.

Mas esse espaço semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem. A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN, 2006 p. 34)

Assim, o autor reforça que a linguagem reflete um fenômeno ideológico e é absorvida em função de seu signo – instrumento importante que cumpre uma função ideológica:

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas, tanto pela organização social de tais indivíduos, como pelas condições em que a interação acontece. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo. É justamente uma das tarefas da ciência das ideologias estudar esta evolução social do signo linguístico. Só esta abordagem pode dar uma expressão concreta ao problema da mútua influência do signo e do ser; é apenas sob esta condição que o processo de determinação causal do signo pelo ser aparece como uma verdadeira passagem do ser ao signo, como um processo de refração realmente dialético do ser no signo. (BAKHTIN, 2006, p. 34, *apud* SILVA, 2015, p. 250)

Odete dos Santos Silva (2015, p. 253) ensina que, no momento certo e do jeito adequado, o professor deve proporcionar ao aluno a oportunidade de ação e reflexão, ou seja, de interação do aluno com a leitura, indicando objetivos, elementos e situações e dando condições para que ele tenha acesso a elementos novos, para possibilitar a elaboração de respostas aos problemas suscitados e superar a contradição entre sua representação mental e a realidade.

Agindo assim o professor, o aluno terá condições de aprender, porque

Mais importante do que reconhecer a forma utilizada, é entendê-la dentro do contexto, e perceber que essa significação varia de acordo com o uso social da palavra. Quando desvinculamos a palavra da realidade, usando-as apenas como pretexto para decorar regras gramaticais, como se a língua fosse um sistema abstrato de normas, ou quando restringimos a leitura de um texto a uma única interpretação, estamos impedindo que venha à tona uma infinidade de outros sentidos possíveis, dando às nossas aulas um caráter monológico. (BAKHTIN, 2006, p. 192, *apud* SILVA, 2015, p. 254)

2.4.7.

Guilherme Brambila Manso e Luciano Novaes Vidon (2015), na página 383 de "O artigo de opinião na prática escolar: subjetividade, ensino e responsividade", analisam o tratamento do "*artigo de opinião*" como gênero discursivo, no contexto escolar, investigando as condições e circunstâncias nas quais o professor tem atuado no processo de produção de textos dos alunos, com base no princípio bakhtiniano da alteridade. Na discussão com os docentes, os pressupostos de Mikhail Bakhtin e seu Círculo são explorados para refletir sobre a constituição do sujeito-professor, do ponto de vista do que foi postulado a respeito dos gêneros discursivos e da subjetividade.

Essa discussão em torno da relação entre subjetividade e gêneros do discurso, além de ser objeto de observações constantes de pesquisadores envolvidos com o estudo do discurso e assuntos afins, tem ganhado cada vez mais destaque na prática escolar, especialmente nas aulas de língua portuguesa. O estudo do pensamento de Mikhail Bakhtin e de seu Círculo ocorre, principalmente, pela atualização dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* que instituíram uma perspectiva sociointeracionista de ensino do texto, aproximando-se da noção de gêneros discursivos e do dialogismo, defendidos pelo círculo bakhtiniano,

afastando-se da tradicional perspectiva textual-tipológica. (Cf. MANSO & VIDON, 2015, p. 383)

Mikhail Bakhtin (2006, p. 93), por compreender o uso da língua em função do propósito comunicacional, ensina que

Na realidade, o locutor se serve da língua para suas necessidades enunciativas concretas. Trata-se, para ele – locutor, de utilizar as formas normativas num dado contexto concreto. Para o locutor, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto.

Percebemos, nessa proposta, a existência de um sujeito que não é refém do meio discursivo em que está inserido, mas que participa ativamente dele, respondendo dialogicamente às demandas concretas de enunciação por meio da língua, em função da linguagem e da interação. (Cf. MANSO & VIDON, 2015, p. 384)

Este diálogo nos permite reconhecer que o sujeito histórico e social interage com as situações reais de enunciação e com outros sujeitos oriundos de uma natureza histórica e social que realizam a interação verbal, enriquecendo-se com os discursos um do outro.

Assim, Mikhail Bakhtin (2006, p. 96) reforça que a interação verbal dos sujeitos “nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular”, sendo eles o enunciador e o destinatário, com a possibilidade de troca de turnos conforme a conveniência do propósito comunicativo.

O processo de produção textual no interior dos gêneros discursivos acontece de maneira responsiva e dialógica. Apesar das configurações básicas de cada gênero do discurso, é perceptível que cada esfera discursiva e cada sujeito possui necessidades discursivas distintas e únicas na produção de

seus enunciados, garantindo o caráter primordial dos gêneros discursivos, que é a relativa estabilidade.

Mikhail Bakhtin (1997, p. 106) afirma que “o gênero sempre é e não é ao mesmo tempo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo”. Assim, somos convidados a compreender a atividade comunicativa humana como uma tensão contínua de discursos que se cruzam, buscando propósitos interacionais reais. O sujeito só existe por conta da existência do outro, que o reconhece como tal; e é pela interação dos sujeitos através dos gêneros discursivos que a linguagem se mantém em movimento e a comunicação se realiza. (Cf. MANSO & VIDON, 2015, p. 385)

2.4.8.

Ana Cristina de Araújo Negrão e Simone Cristina Mendonça (2015), em "O ensino do gênero textual na abordagem sociointeracionista a partir da reescrita do gênero conto na 4ª etapa da EJA", informam que Mikhail Bakhtin (2004) dá ênfase ao processo de interação verbal e ao enunciado concebendo a linguagem numa perspectiva integrada à vida humana e ensinando que “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico e abstrato de suas formas, nem no psiquismo individual do falante”. (BAKHTIN, 2004, p. 124)

A interação verbal se efetiva por meio dos gêneros, dos quais Mikhail Bakhtin aponta duas características: a primeira diz respeito à realidade dialógica como categoria básica de sua concepção, porque, para o autor, toda a enunciação é um diálogo.

Sobre o diálogo e enunciação, Mikhail Bakhtin (2004) diz:

A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trate-se de um discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um “*horizonte social*”. Há sempre um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido. (BAKHTIN, 2004, p. 16)

Visto que os enunciados não existem de forma isolada, a verdadeira substância da língua, que é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, é reconhecida por Mikhail Bakhtin (2004), a partir da concepção dialógica de linguagem. Aliás, cada enunciado pressupõe seus antecedentes e seus conseqüentes. Sua segunda característica é a polifonia, com a qual se pode perceber que um texto não é formado apenas pela voz do escritor. Para Mikhail Bakhtin, a noção de enunciado está vinculada à ideia de voz, tanto na comunicação oral quanto na escrita. (NEGRÃO & MENDONÇA, 2015, p. 400)

Ele sustenta que o sujeito é criado por meio do contato social, uma vez que é através do discurso dos outros que o sujeito se descobre e se enxerga como pertencente a esse meio, apesar de ser diferente dos outros. Assim, Mikhail Bakhtin ensina que a gênese da linguagem está na interação verbal e nas relações coletivas e sociais, num movimento em que o social precede ao individual por meio do signo.

Quando se trata do ensino de língua materna a partir dos gêneros textuais, Mikhail Bakhtin (2003) orienta que trabalhar com palavras ou frases desconectadas de uma situação enunciativa não faz sentido ao aluno, pois precisa ficar claro que cada enunciado corresponde a condições específicas, e que a finalidade de cada uma das esferas da atividade humana elabora seus tipos de enunciados relativamente estáveis – os gêneros discursivos, heterogêneos – caracterizados pelo conteúdo temático, pelo estilo verbal e pela construção composicional.

O enunciado, portanto, tem um caráter ideológico porque, concretizando-se no texto um ensino que dá mais relevância à natureza e variedade de gêneros se torna mais significativo do que o ensino que prioriza a abstração da língua. É na alternância dos falantes que ocorre a escolha dos gêneros, levando em conta as circunstâncias comunicativas, os ambientes discursivos e a posição social dos sujeitos que interagem.

3. *Considerações finais*

Considerando-se a riqueza de reflexões apresentada nos diferentes textos aqui comentados, todos publicados nos periódicos e anais de eventos organizados pelo CiFEFiL, pode-se assegurar que constituiriam um ou mais significativos volumes que valorizariam ainda mais a já considerável contribuição bakhtiniana na literatura especializada, publicada no Brasil.

Apesar da impossibilidade de comentar todos os trabalhos importantes relacionados abaixo, temos certeza de que os interessados nesses temas terão seus trabalhos diminuídos, com possibilidade de acrescentar novos pontos de vista teóricos e novas aplicações práticas do pensamento bakhtiniano a partir dessa publicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES FILHO, Sebastião Carlúcio; SILVA, Sívio Ribeiro da. Algumas contribuições de Bakhtin, Schneuwly e Adam para os estudos sobre gêneros. *Soletras*, São Gonçalo: UERJ, ano X, n. 20 – Suplemento, p. 17-28, 2010. Disponível em:

<<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/5188>>

ANDRADE, Mara Lucia Fabrício de. Gêneros e tipos: uma aproximação. *Soletras: Revista do Departamento de Letras da UERJ*, São Gonçalo: UERJ, ano 1, n. 2, p. 83-92, 2001. Dis-

ponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4419/3224>>.

ARANHA, Simone Dália de Gusmão O dialogismo em gêneros retóricos: o papel ativo do “outro” no texto publicitário escrito. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 6, n. 18, p. 38-54, 2003. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/6\(18\)38-54.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/6(18)38-54.html)>.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 1. ed. Lisboa: INCM, 1998. [2. ed. rev. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa; Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005]. Disponível em: <<http://www.obrasdearistoteles.net/files/volumes/0000000030.PDF>>

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. [1. ed. 1992]

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad.: Lahud. São Paulo: Hucitec, 2002. Disponível em: <http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/marxismo_e_filosofia_da_linguagem.pdf>.

BANDOLI, Giselda Maria Dutra; RAMOS, Ingrida da Silva. A natureza dialógica da linguagem: discursos sobre o índio na literatura brasileira. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 21, n. 63 – Supl.: Anais da X JNLFLP, p. 241-252, set./dez.2015. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO21/63supl/016.pdf>>

BARREIROS, Liliame Lemos Santana. *Causos sertanejos em Bahia Humorística: enunciados da vida cotidiana sob a ótica de Mikhail Bakhtin*. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. XVII, n. 1, p. 116-131, 2013. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/cnlf/01/09.pdf>.

BENITES, Marcello Riella; MOURA, Sérgio Arruda de; LUQUETTI, Eliana Crispim França. Disputas linguísticas e ideo-

lógicas no Facebook acerca da variação do uso linguístico à luz de Bourdieu e Bakhtin. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 20, n. 60 – Supl.: Anais da IX JNLFLP, p. 1001-1014, 2014. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/revista/60supl/079.pdf>.

BIZERRA, Carine Camara. Gêneros textuais e sua contribuição no ensino de línguas: algumas considerações. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. XV, tomo 1, p. 602-608, 2011. Disponível em:

http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/51.pdf.

CARVALHO, Maria Angélica Freire de. Os gêneros do discurso e o texto escrito na sala de aula: uma contribuição ao ensino. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. VI, 2002. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/os%20generos.html>.

CASTELLIANO, Tania Regina. Linguagem e poder: uma análise do discurso através da entonação dos candidatos à Presidência da República em 2006. *Cadernos do CNLF*, vol. XIII, n. 4, 717-726, 2009. Disponível em:

http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/linguagem_e_poder_uma_analise_do_discurso_tania.pdf.

CASTRO, Ângela Cristina Rodrigues de. Léxico e discurso: a construção da intertextualidade e da interdiscursividade. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. XVIII, n. 2, p. 228-241, 2015. Disponível em:

http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/02/016.pdf.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar *Português: linguagens*. 1. ed. São Paulo: Atual, 2003.

FIORIN, José Luiz. Os gêneros do discurso. In: _____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006, p. 60-76.

HORN, Sonia Regina Nascimento. Heteroglossia bakhtiniana: estratégias discursivas no texto para crianças. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. VIII, n. 5, 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno05-13.html>>.

JERÔNIMO SOBRINHO, Patricia. A teoria de gêneros bakhtiniana em textos orais de publicidade e propaganda. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. XVI, n. 04, t. 2, p. 1481-1493, 2012. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo2/132.pdf>.

LIMA, Ana Maria Oliveira; ALVES, Valdirene de Jesus; SANTOS, Verônica Maria Araújo dos. Gramática e ensino de língua: considerações e provocações. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 21, n. 63 – Supl.: Anais da X JNLFLP, p. 98-1001, set./dez.2015. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO21/63supl/070.pdf>>.

LOPES, Edilaine Vieira; PIRES, Vera Lúcia. O Círculo Bakhtiniano e o jornal na sala de aula. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 20, n. 60 – Supl.: Anais da IX JNLFLP, p. 1597-1605, 2014. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO20/60SUP/RPh60-Supl-01.pdf>>.

MANSO, Guilherme Brambila; VIDON, Luciano Novais. A condução do estudante para a construção da subjetividade: a perspectiva bakhtiniana dentro e fora do ambiente escolar. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. XVIII, n. 03 – Ensino de língua e literatura. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 32-43, 2014. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/03/002.pdf>.

_____; _____. O artigo de opinião na prática escolar: subjetividade, ensino e responsividade. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. XIX, n. 01 – Análise do discurso, linguística textual e pragmática, p. 383-

393, 2015. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xix_cnlf/cnlf/01/Cad_CNLF_XIX_01.pdf>.

MARINS, Ânderson Rodrigues. Dialogismo bakhtiniano em *Esau e Jacó*. Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. XIII, n. 4, tomo 1, p. 539-544, 2009. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/dialogismo_bakhtiniano_anderson.pdf>

NEGRÃO, Ana Cristina de Araújo; MENDONÇA, Simone Cristina. O ensino do gênero textual na abordagem sociointeracionista a partir da reescrita do gênero conto na 4ª etapa da EJA. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. XIX, n. 01 – Análise do discurso, linguística textual e pragmática, p. 394-408, 2015. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xix_cnlf/cnlf/01/Cad_CNLF_XIX_01.pdf>.

OLIVEIRA, Ivana Maria Dias; PEDROSA, Cleide Emília Faye O enunciado do *outro*: marcas polifônicas no discurso jurídico. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. XI, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xicnlf/3/08.htm>>.

OLIVEIRA JÚNIOR, Osvaldo Barreto. Anúncios e letreiros do comércio popular: gêneros em discussão. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. XIV, tomo 2, p. 1740-1759, 2007. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_2/1740-1759.pdf>.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Gênero textual: uma jornada a partir de Bakhtin. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. X, n. 3, 2006. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xcnlf/3/09.htm>>.

_____. Dialogismo, aspecto constitutivo do discurso: uma releitura de Bakhtin a partir de autores nacionais. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. XI, n. 4, p. 63-70, 2007. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xicnlf/4/06.htm>>.

PEDROSA, Kleber Faye; PEDROSA, Cleide Emília Faye. Intergêneros no domínio jornalístico. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. VIII, n. 7, 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno07-06.html>>.

PINHEIRO, Petrilson Alan. Bakhtin e as identidades sociais: uma possível construção de conceitos. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 14, n. 40, p. 77-85, 2008, Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO14/40/06.pdf>>.

RAMIRES, Vicentina. Panorama dos estudos sobre gêneros textuais. *Investigações*, Recife, vol. 18, n. 18, p. 39-67, 2005. Disponível em: <<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/1479/1152>>.

REIS, Daniella Rocha. A língua que “curte” as evoluções tecnológicas do século XX e “compartilha” mudanças significativas para o mundo linguístico do século XXI. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 21, n. 63 – Supl.: Anais da X JNLFLP, p. 219-228. set./dez.2015. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO21/63supl/014.pdf>>.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem. In: MEURER, José Luiz; BONIONI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Orgs). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005, p. 152-183.

SANTOS, Camila Antonia da Silva; SANTOS JUNIOR, Antonio José dos. O conceito de interdiscurso na propaganda da “Operação Lei Seca”. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. XV, tomo 3, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_3/175.pdf>.

SANTOS, Marlene Eliane dos; CHAVES, Aline Saddi. A circulação do conceito de gênero do discurso em duas instâncias mediadoras do ensino e aprendizagem da língua portuguesa. *Revista Philologus*, – Supl.: Anais da VIII JNLFLP, Rio de Ja-

neiro: CiFEFiL, ano 19, n. 57, set./dez., p. 24-35, 2013. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/revista/57supl/02.pdf>.

SANTOS, Morgana Ribeiro dos. O dialogismo e a tradição no forró. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. XV, tomo 1, 2011. Disponível em:

http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/65.pdf.

SEMED. Prefeitura Municipal de Campo Grande (MS). *Referencial curricular da rede municipal de ensino: 3º. ao 9º. ano do ensino fundamental*. Campo Grande, 2008.

SILVA, Geraldo José da. O uso do discurso citado em reportagens sobre questões indígenas na mídia sul-mato-grossense: uma análise enunciativa sob a perspectiva teórica bakhtiniana. *Linguagem em (Re)vista*, Niterói, vol. 10, n. 20, p. 39-58, jul./dez. 2015. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/20/03.pdf>.

SILVA, Gisele Batista da. Autobiografia e dialogismo: uma abordagem afetiva da linguagem. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. XI, n. 3, 2007. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/xicnlf/3/04.htm>

_____. Discurso pedagógico: polifonia e interação. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. VI, n. 6, 2002, Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno06-07.html>.

SILVA, Odete dos Santos. Linguagem, ideologia e poder no processo de formação do leitor: os signos linguísticos representados pelos sujeitos históricos das escolas municipais de Vitória da Conquista – BA. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, Ano 21, N° 63 – Supl.: Anais da X JNLFLP, p. 1249-1258, set./dez.2015. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/rph/ANO21/63supl/088.pdf>.

SILVA, Sílvio Ribeiro da. *Teoria aplicada sobre gêneros do discurso/textuais*. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. XI, n. 04 – Livro dos minicursos, p. 137-155, 2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiicnlf/livro_dos_minicursos/teoria_aplicada_sobre_generos.pdf>.

_____; RAUBER, Bárbara Battistelli; TELES, Lanilda. A estrutura composicional nos gêneros textuais a escrever: estudo de caso. *Soletras*, São Gonçalo: UERJ, ano VI, n. 11, jan./jun., p. 14-23, 2006. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4640/3422>>.

SILVA JÚNIOR, Silvio Nunes da; FERNANDES, Gabriela Ulisses. Linguagem e enunciação: uma abordagem dos gêneros textuais no ensino de língua materna. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, Ano 21, N° 63 – Supl.: Anais da X JNLFLP, p. 1237-1248. set./dez.2015. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO21/63supl/087.pdf>>.

SOARES, Doris de Almeida. Bakhtin e a aula de redação acadêmica em língua inglesa: um diálogo possível. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, vol. IX, n. 17, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/07.htm>>.